

EDITORIAL

O povo preto sempre produziu e contribuiu para o desenvolvimento do país em todas as esferas que compõe a sociedade, no entanto, a lógica social estruturada no racismo contribui, historicamente, no processo de apagamento dessas produções, tomando como base a manutenção dessa estrutura. Toda riqueza de estudos, pensamentos, pesquisas, fazeres artísticos do povo preto ficaram às margens, às sombras, nos porões sociais por séculos. A visibilidade devida, merecida e justa ainda está longe, mas todos os trabalhos dos movimentos negros têm trilhado e aberto caminhos para mudar essa realidade.

Como dito por Conceição Evaristo, “eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”. Para não morrer tivemos que lutar e ousar. Ousar, que segundo consta no dicionário significa “1. qualidade ou característica de ousado; arrojo, coragem. 2. (por extensão) falta de reflexão; imprudência; temeridade”. Ter coragem e arrojo estão, portanto, na mesma esteira de falta de reflexão e imprudência. Mas quando cabe uma definição e quando cabe outra? Para quais grupos político-sociais cabe uma ou outra definição da palavra ousadia? Os colonizadores retiraram dos povos que escravizaram a qualidade de humanos. Não sendo humanos não tinham razão, não pensavam, poderiam e deveriam ser comandados por aqueles que tinham a superioridade da razão e, logo, eram humanos. Essas ideias, raízes do Iluminismo, nos respondem. É dos grupos racializados e marginalizados a imprudência da ousadia. Ousadia de viver, de sobreviver. E se lutar por direitos e reparação, lutar por ocupar e estar em lugares que nos foram negados, pela possibilidade de constituir uma subjetividade livre da sombra do colonizador, que sejamos imprudentemente ousados.

Combinaram nos apagar, mas nós combinamos aparecer!



**VOZES E
ESPELHOS NEGROS:
Feitos, fazeres, trilhas
e caminhadas.**

Com a temática **“Vozes e espelhos negros: feitos, fazeres, trilhas e caminhadas”**, a Revista Pathos abre a edição com o canto de denúncia do extermínio da juventude preta, na composição “Meu pretinho: um samba pela vida”, do arte-educador, sambista e compositor Mumu de Oliveira.

Em seguida apresenta o artigo “O Nascer do negro no Brasil”, da psicanalista Tatiana Zaram, que nos convida a pensar as dores da mulher negra e mãe à luz da psicanálise, transcorrendo pelas ideias de Frantz Fanon, Neusa Santos Souza e Isildinha Baptista Nogueira.

A psicóloga e psicanalista Michele Borges, em seu artigo “Proteção pra quem?”, torna esta pergunta inquietante ao escancarar o tipo de acolhimento dado àqueles que precisam, por necessidade e por reparação, serem acolhidos e cuidados. Michele apresenta em seu artigo, a construção histórica do sistema de acolhimento no Brasil pautada pelo racismo e *menorismo* estrutural.

Em seguida, as psicólogas Giovanna Prioste e Jayne Pereira fazem uma análise crítica da figura cultural “Namoradeira”, boneca artesanal. No artigo intitulado “Namoradeiras: entre Lélia e Lacan, uma análise do discurso da (de)nega(ção) brasileira”, as autoras analisam essa tradicional figura brasileira à luz da psicanálise lacaniana e das contribuições gonzaleanas sobre o inconsciente. Utilizam de referenciais teóricos da análise do discurso para debater sobre o racismo estrutural que se revela, também, nas representações culturais.

Abrindo o caderno dos relatos de prática, temos a psicóloga Débora Souza com o texto “Africanidade em nós” convidando-nos ao cuidado de podermos ver e nos apropriar de toda potência e beleza que há em nós e em nossa ancestralidade. A psicóloga traz um potente e belo relato sobre sua imersão no continente mãe e os cruzamentos desta experiência com sua práxis no que tange, sobretudo, cuidado e atenção à saúde mental da população negra.

Em seguida, o coletivo Parifanálise vem compor essa potência, dizendo da importância e urgência de escutar as dores da população da periferia, da necessidade de um fazer perifanalítico, nas palavras do coletivo. O relato de prática intitulado “Manifestações de Vivência: um relato de experiência de escuta(dores) na, com e para periferia” apresenta a história do coletivo, as parcerias, as reflexões do grupo acerca do fazer profissional no espaço de escuta e cuidado que têm construído, considerando o racismo e suas intersecções de classe e gênero.

O caderno segue com o relato da assistente social Daiana Ferreira, “Santa Inês: um território de luta, militância e arte”. O trabalho da assistente social na comunidade Santa Inês, contribuiu para construção de um espaço potente de oportunidade de expressões artísticas de moradores da comunidade, bem como revitalização do espaço de esporte e lazer. Espaços importantes para desenvolvimento do indivíduo enquanto sujeito de desejos e direitos.

Por fim, os convidamos a pensar a prática clínica, em busca de fazer e ser antirracistas, com o relato “Por uma escuta clínica antirracista”, escrito para nortear uma conversa que tive com a equipe de psicólogas e psicólogos do grupo de psicoterapia da Fundação Casa/SP.

Fechamos a edição com a voz de resistência de Mumu de Oliveira. O artista nos conta parte da trilha e caminhada que o levou a compor a canção “Mulher Preta”.

Boa leitura!!

Andréia Alves

Editora-Chefe